

# ***‘Querência’ vê o teatro com os olhos da delicadeza***

*Espectáculo do Coletivo DuVelhoMoço, do Rio de Janeiro, é pérola encantatória que arrebatou a plateia do começo ao fim*

*Por Dib Carneiro Neto*

A peça infantil apresentada pela manhã do segundo dia do FESTE 2023 em Pindamonhangaba arrebatou a todos os que estiveram presentes na plateia do Teatro Galpão. Estou falando de *Querência Quer Ver o Mar*, do Coletivo DuVelhoMoço, do Rio de Janeiro. (O coletivo só por acaso é do Rio, pois seus 7 integrantes são de regiões variadas, fazendo até com que pareça um grupo nordestino.)

Uma das inúmeras boas frases do texto diz: “Coisa boa é baile!” Pois o grupo, dirigido por Berg Farias, também responsável pela dramaturgia, nos ofereceu mesmo um baile – um baile de afeto, de esperança, de cultura popular, de fé no teatro, de alegria, de brasilidade. Um baile de felicidade, como poucas vezes se consegue atingir na cena. Como é bom ter tantos e tantos anos de exercício da crítica teatral e, ainda assim, ser surpreendido por pérolas como essa *Querência* tão sensível, tão arrebatadora. Quantos acertos. Quanta inteligência nas escolhas.

Sabe quando o espetáculo é tão plasticamente belo que dá vontade de parar as cenas e ficar contemplando tanta beleza, tanta harmonia? Isso acontece o tempo todo nesse espetáculo. As marcações de cena são absolutamente mágicas, impactantes – um prazer para os nossos sentidos.

Berg Farias demonstra dirigir com sensibilidade à flor da pele e a mão firme de quem não aceita nada menos do que a perfeição. Sua direção é cuidadosa nos detalhes, é preocupada com o bom acabamento – isso faz toda a diferença no teatro. Ele também assina os figurinos, com peças repletas de detalhes bem-acabados – bordados, apliques, fitas. Chuleios e floreios.

A cenografia, revelada ao público assim que entramos na sala de apresentação, reproduz um quintal de cores e encantamentos. Um varal com lençóis estendidos para secar ao sol. Uma bacia de alumínio com água para que naveguem barquinhos de papel. Um tapete à guisa de chão. Banquinhos de madeira no formato de bandeirolas juninas. Um animal aquático feito de bucha de lavadeira. Um gigante feito com a cúpula preta de um guarda-chuva. Em suma, um recorte de Brasil em cena. Nessa sede do coletivo pela plasticidade ideal, há até a proeza de fazer um enorme plástico azul virar mar, sem que isso – tantas vezes já visto no teatro – caia na repetição batida e desgastada. Ao contrário, vira uma das cenas mais lindas da peça, com uma emocionante interação das crianças da plateia.

Os cuidados se estendem também ao ritmo da montagem, que vem nos chegando de mansinho, se aproximando com calma da narrativa, ganhando a confiança da plateia. Um a um, os atores entram em cena, sem pressa, e se aproximam do público, chegam perto da gente com muita simpatia e delicadeza. Depois voltam para o palco, também um a um, apresentando individualmente o som de seus instrumentos: tambor, pandeiro, flauta, violão, chocalho, violino, triângulo. A trilha sonora, aliás, é riquíssima em regionalismos, em tesouros do nosso cancionário, de Villa-Lobos a Luiz Gonzaga.

A história que eles querem nos contar, com toda essa calma e boa fluência, é a de uma “menina pequena negra cega nordestina”. Seu nome é

Querência e o que ela mais quer é matar sua vontade de mar. “Amar?”, pergunta a vó. “Ah, mar.” É assim um texto que baila diante de nós sua impressionante prosa poética. Música para nossos ouvidos o tempo todo. Nada é proferido sem que contenha alguma dose de poesia nas palavras escolhidas.

No elenco, há uma atriz deficiente visual, que, juntamente com o diretor, pensou e idealizou o espetáculo. Ana Luiza Faria, com incrível presença corporal e uma voz límpida e bem projetada, faz muito bem o papel da mãe de Querência (representada por uma linda boneca negra, muito bem articulada e manipulada em cena). Outro destaque é Aruam Galileu, como o cãozinho Ximbica. Não é à toa que ele é o responsável pela preparação corporal do elenco, além de assistente de direção. O cachorro é expressivo e, de tão perfeito, só falta abanar o rabo que não tem.

Há muito mais a se dizer sobre *Querência Quer Ver o Mar*. Enganase quem pensa que seu tema fica restrito ao capacitismo, o que por si só já é maravilhoso e importantíssimo numa peça para crianças. A peça tem mais camadas. Fala de saudade, de amor, de infâncias perdidas, de valorização das brincadeiras populares, de Brasil profundo, de contrastes entre sertão e metrópole. Aliás, fala de sertão e de ser tão. Fala de sonhos a se perseguir, de preconceitos de raça, de esperança num mundo melhor. Não há quem não se identifique com algum desses pontos em suas vidas. E atenção: há espetáculos que querem abraçar o mundo com um excesso de assuntos, uma profusão de intenções, e acabam se afundando em tanta pretensão, quando deveriam ter foco em um tema único e desenvolvê-lo mais profundamente. Mas *Querência* consegue falar de muita coisa em 55 minutos e não ser um espetáculo cansativo, não ser excessivo. É de fato uma grata surpresa.